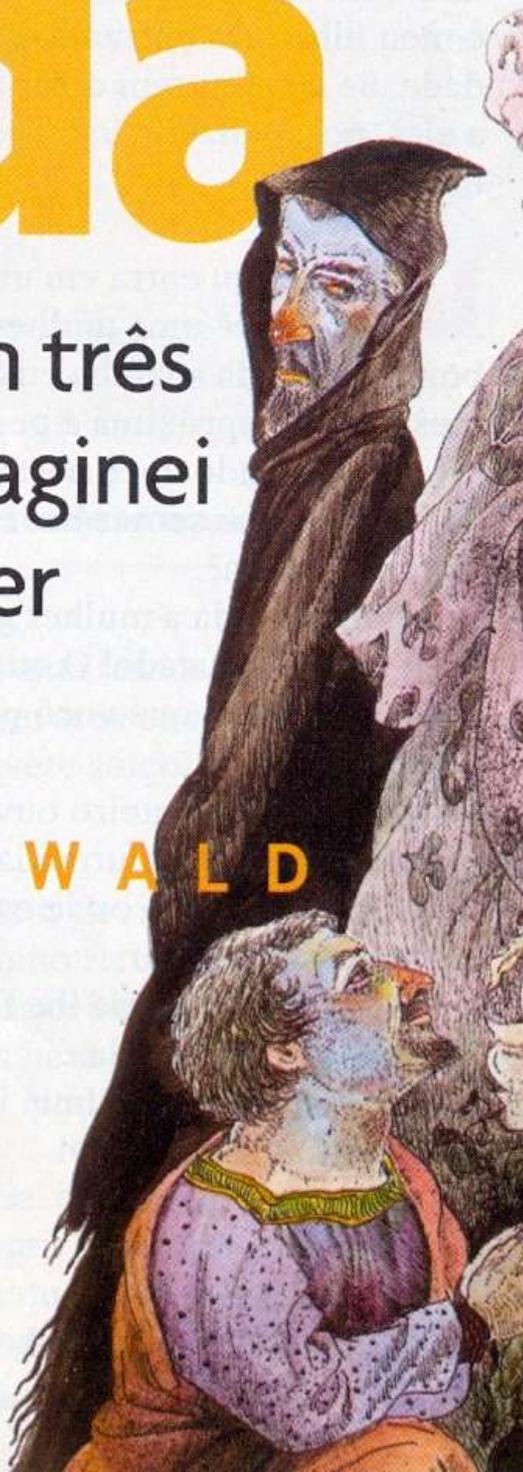


Uma última risada

Os médicos me deram três semanas. Eu nunca imaginei que morrer pudesse ser tão divertido.

POR ART BUCHWALD





A rigor, este livro jamais deveria ter sido escrito. A rigor, eu deveria estar morto. Assim começa a minha história.

No início de 2006, eu estava subindo de elevador para o meu quarto numa instituição de cuidados intensivos, na cidade de Washington, quando vi uma placa que anunciava um abrigo onde se administram cuidados paliativos. Àquela altura, a única coisa que eu sabia sobre estes abrigos era que cuidavam de pacientes terminais. Providenciei um *tour* pelo local, e tudo me pareceu muito bom. Naquele momento, decidi que queria viver ali. Eu havia perdido uma perna no hospital da Universidade de Georgetown. Sentia falta da minha perna, mas, quando me disseram que também teria de ser submetido à hemodiálise pelo resto da vida, pensei: *Aí já é demais*.

A decisão coincidiu com minha participação no programa de rádio de Diane Rehm, que tem mais de um milhão de ouvintes. Conversei com ela a respeito do abrigo e sobre a minha decisão de não ser submetido à hemodiálise. Uma coisa é você decidir ir morar num local para doentes terminais; outra é contar isso às pessoas.

Os ouvintes reagiram a meu favor. Depois, recebi mais de 150 cartas, e a maioria dizia que eu estava tomando a decisão certa. Isso, é claro, fez com que eu me sentisse bem.

Eu tinha a impressão de que a minha permanência no abrigo seria de duas ou três semanas. Estava errado. Todos os dias me sento numa sala de estar lindíssima na qual me trazem o que eu quiser. Posso até pedir hambúrgueres e *milk-shakes* do McDonald's. (A maioria das pessoas precisa controlar sua alimentação.)

Um fluxo constante de visitantes vem me ver, muitos deles são nomes famosos que impressionam a minha família. Acho que não estaria recebendo a mesma atenção se estivesse sendo submetido à hemodiálise. Durante horas ficamos naquela enorme sala de estar, conversando sobre o passado; e, já que o espetáculo é meu, acabamos conversando sobre qualquer coisa que me venha à mente. É um lugar maravilhoso.

Eu não paro de perguntar às enfermeiras e aos médicos quando vou tirar o "grande cochilo". Ninguém sabe me responder. Um dos médicos diz:

- Você é quem sabe.
- Típica resposta de médico - eu retruco.

Todo mundo quer me agradar. Comida parece ser um item muito importante. Um dia eu disse a um amigo que havia sonhado com um sanduíche de carne em conserva. No dia seguinte, me ofereceram dez. Também recebia dezenas de arranjos florais. Ninguém manda rosas quando a gente está na máquina de hemodiálise.

Até aqui, as coisas pareciam estar a meu favor. Fiquei conhecido no abrigo como “o homem que não morria”. Quanto tempo vão me deixar ficar aqui já é outro problema. Mas, caso você esteja se perguntando, eu nunca me diverti tanto na vida.

Morrer não é difícil. Ser reembolsado pelo seguro-saúde é que é.

Minha pedra preciosa

Para explicar como vim parar aqui, tenho de voltar ao dia 28 de setembro de 2005, quando estava me sentindo bem e comemorando o meu aniversário de 80 anos na Embaixada Francesa, em Washington. Era um evento de gala para 400 pessoas, destinado a captar recursos para o Centro Brady para a Prevenção da Violência por Armas de Fogo. Eu me lembro de ter dito na ocasião: “Fazer 80 anos é um caso de vida ou morte. Eu escolhi a vida. É uma posição muito melhor de se estar, além de muito mais suave para as costas.”

E disse também: “Em algum momento da vida – na realidade, neste instante –, as duas principais perguntas que me ocorrem são: *O que estou fazendo aqui?* e *Para onde estou indo?* A primeira resposta é narcisista. Fui colocado neste mundo para fazer as pessoas rirem. A segunda é bem mais difícil: não tenho a menor idéia de para onde estou indo e acredito que ninguém mais saiba também.”

E não tinha idéia do quanto estava sendo astuto. Durante toda a vida, sempre achei que meus rins nunca me dariam problemas. O rim cumpre a sua função de maneira discreta e sem fanfarras. Sonetos, canções de amor e obras-primas da ficção já foram dedicados ao coração. No entanto, se não fossem os rins trabalhando dia e noite para excretar os venenos do nosso corpo, o coração não teria a menor chance. Mas comecei a prestar atenção a eles quando tentei expelir uma pedra, há alguns anos. Aquela foi uma experiência da qual não me esqueci até hoje. A única forma de descrever é tentar imaginar passar o Rochedo de Gibraltar pelo Canal de Suez.

Quando alguém está subindo pelas paredes tentando eliminar um cálculo renal, prometerá qualquer coisa para obter alívio.

Depois que tive a minha crise, a agência de notícias AP distribuiu aos jornais quatro parágrafos sobre a pedra. Ela se tornou famosa no mundo todo. De tal maneira que recebi uma carta do Centro de Estudos Geológicos dos Estados Unidos em Reston, Virgínia. Era dos sujeitos que estudam rochas lunares.

Quando voltei para Washington, os geólogos se ofereceram para estudar o meu cálculo renal. Chamaram de Projeto Pedra Buchwald.

O Dr. Michael Rubin zombou do tamanho da Pedra Buchwald. Disse que já havia expelido cálculos dez vezes maiores e se perguntou se eu não passava de um chorão profissional. Já o Dr. Wornick, que também estudou

Se minha perna não fosse removida, eu teria uma morte lenta e dolorosa. Não parecia agradável. Então, meus rins pararam.

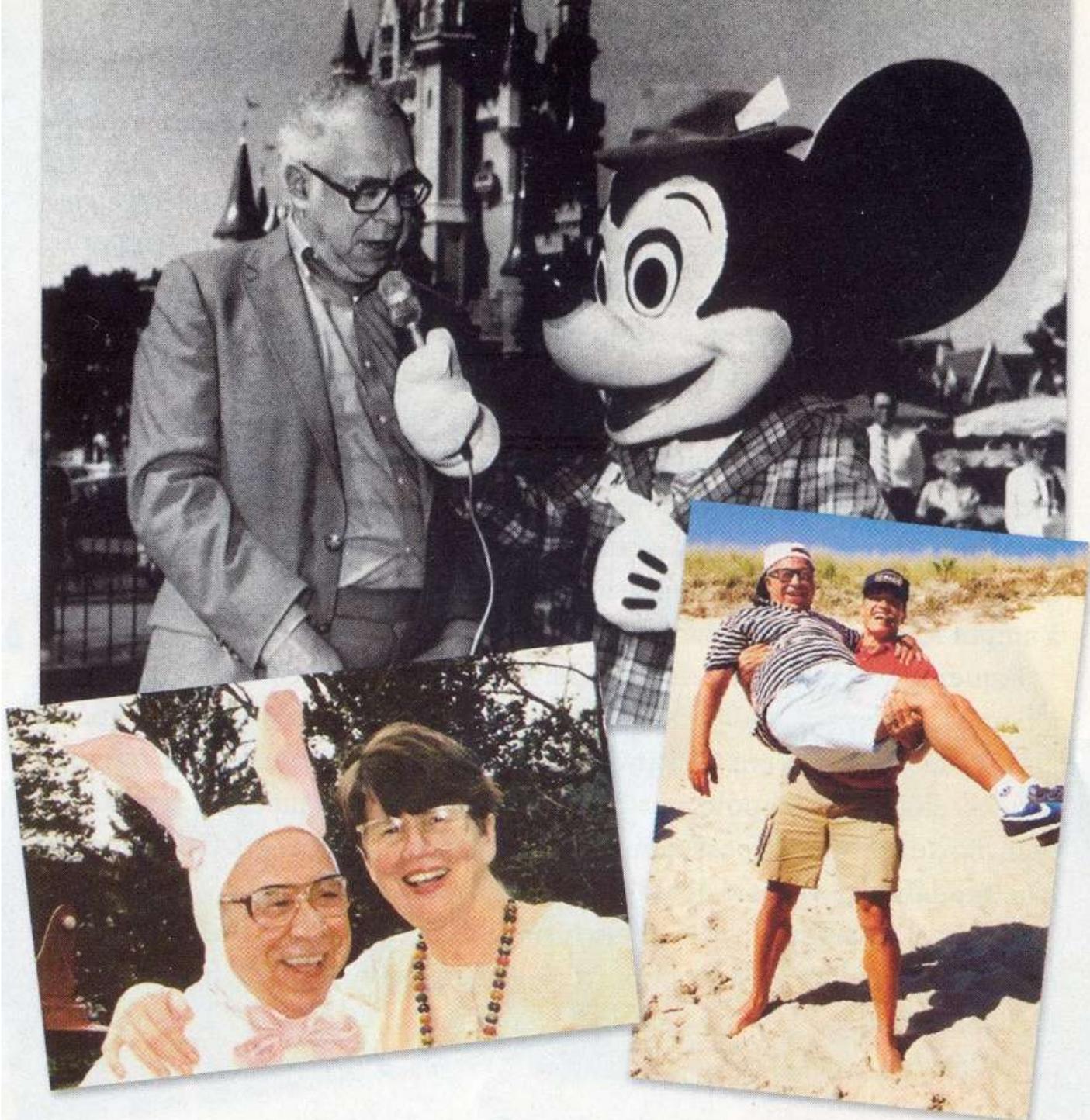
a minha pedra, foi mais simpático. Provou que o tamanho não era o fator determinante da dor causada por um cálculo. A angústia e o número de gritos eram diretamente proporcionais não ao tamanho da pedra, mas à extensão do percurso feito por ela.

Isso provavelmente acabou com as chances do Dr. Rubin de ganhar o Prêmio Nobel.

Depois que os relatórios sobre a pedra foram divulgados, foi sugerida a construção de um prédio para alojá-la. Passaria a ser uma atração, como os Manuscritos do Mar Morto.

É impressionante o número de idéias que você pode evocar para solucionar os próprios problemas. O primeiro pensamento que tive – e que a maioria das pessoas com doenças renais tem – foi: *O que tenho de fazer para conseguir um transplante?* Mas as pessoas fazem fila, muitas vezes ao longo de anos, à espera de um rim. Meu médico disse que, mesmo que eu entrasse na fila do transplante, não seria um bom candidato por causa da idade e da pressão arterial elevada. Além do mais, os medicamentos para impedir a rejeição são arriscados para uma pessoa na faixa dos 80 anos.

Minha nora, Tamara, se ofereceu para me doar um dos rins. É claro que recusei. É meio esquisito a gente andar por aí com o rim da nora. A hemodiálise é como estar conectado a uma máquina de lavar para que todos



os subprodutos do corpo possam ser removidos do sangue filtrado de maneira mecânica. Isso significa filtrar todas as toxinas três vezes por semana, durante cinco horas de cada vez.

Eu não achava que meus rins fossem me desapontar, considerando o nosso longo relacionamento. Mas, na verdade, eles foram decaindo lentamente, e os meus médicos me avisaram, outra vez, que logo a hemodiálise seria necessária. Então me zanguei com meus rins. Eu os tratara tão bem, e era assim que me agradeciam? Acabei concordando com a hemodiálise, mas fiz uma contraproposta: será que podíamos esperar até depois do verão?

Esse era o plano. Então, algumas semanas depois da minha maravilhosa

Cantando com Mickey Mouse (acima); Janet Reno (à esquerda) e Arnold Schwarzenegger.

festa de 80 anos, senti uma súbita e terrível dor no pé direito. Liguei para o meu médico, o Dr. Michael Newman, que ainda atende em domicílio. Ele olhou meu pé e disse que eu provavelmente tinha coágulos nas artérias, que comprometiam a circulação. Era uma emergência. E me levou para o hospital da Universidade de Georgetown.

Lá, os médicos tentaram de tudo para dissolver os coágulos e restabelecer o fluxo sanguíneo, mas não obtiveram sucesso. Eu iria perder o pé e parte da perna. Não fiquei nada satisfeito. O Dr. Newman disse que, se não removessem a perna, eu morreria de gangrena – uma morte lenta e dolorosa. Aquilo não me soou muito bem. No fim, o contraste usado para fazer o angiograma só fez piorar as coisas. Meus rins, que já entravam em falência, pararam de vez. Eu teria de começar a hemodiálise imediatamente, para que pudessem proceder à amputação. Isso é o que chamo de golpe duplo.

Fiquei triste, zangado e deprimido. Ainda assim, concordei em começar a hemodiálise para que o pé e parte da perna fossem amputados. Após a cirurgia, concordei em continuar com a hemodiálise, uma vez que não estava tendo muito apoio por parte dos meus entes queridos para optar pela morte – o que eu, pessoalmente, achava a melhor opção. Experimentei a hemodiálise 12 vezes e decidi que não gostava.

– Chega! – protestei. – Não vejo futuro nisso e não quero mais fazer! – A essa altura eu já havia descoberto o abrigo; eu tinha alternativa. O Dr. Newman disse:

– A escolha é sua.

Garoto-propaganda do abrigo

Eu sabia que a família inteira era contra a idéia de eu parar com a hemodiálise. Sem ela, eu só duraria algumas semanas. Eu me dava conta de que, ao jogar a toalha, estava magoando um monte de gente, em especial os meus filhos, Jennifer, Joel e Connie. Era imensa a pressão para fazer hemodiálise, e houve muitas lágrimas quando dei a notícia de que não ia mais fazê-la.

O Dr. Newman tomou as providências para que eu fosse transferido para o abrigo. É um lugar agradável, mas onde não é nada fácil arranjar vaga. É mais ou menos como tentar entrar para Harvard.

Ninguém me deu uma idéia muito clara do que talvez acontecesse aqui.

E ninguém mencionou que meu estado de saúde talvez melhorasse. No dia 7 de fevereiro de 2006, me deram um quarto no Washington Home



and Community Hospices, que fica na Rua Upton, parte noroeste da cidade de Washington. É uma rua bastante movimentada. Como eu costumo dizer às minhas visitas: morrer é fácil; estacionar é impossível.

O abrigo tem 14 leitos. A permanência média aqui, antes de se ir para o céu, varia de poucos dias a duas semanas. Se você está descendo a ladeira, o seguro-saúde paga a conta; se o seu estado permanecer estável, é possível que ele não pague nada.

O objetivo de um abrigo para doentes terminais é que você parta com dignidade, tornando a morte mais fácil para você e sua família. Quando um

Com a família (no alto), os amigos Mike Wallace, Sarah Brady e Mary Wallace em 2005, e com a esposa, Ann, em 1980.

paciente é admitido, uma equipe inteira passa a trabalhar para atender às necessidades da família: um médico, uma equipe de enfermagem, um assistente social, um capelão, um assistente de enfermagem, um coordenador de luto e, é claro, os voluntários.

O meu abrigo tem uma ampla área de convivência para as famílias, que eu passei a chamar de “meu salão”. É bastante confortável, com sofás, mesas, biblioteca, um local para as crianças brincarem e um aquário. Há também um janelão de vidro que dá para um lindo jardim com flores, árvores e um chafariz. Eu passo o dia cumprimentando amigos, vendo TV, lendo e cochilando. À noite, volto para o meu quarto. É muito raro os pacientes saírem dos seus quartos.

É nesta sala de estar que recebo os amigos e onde me despedia das pessoas até me dar conta de que ainda não vou a lugar algum. Também uso o sofá para as minhas sessões de terapia. Meus amigos começam falando dos meus problemas, mas logo a seguir trocam e passam a me falar dos deles. Eu só cobro 75 dólares por hora porque, afinal, ninguém quer ganhar dinheiro num abrigo para moribundos.

As enfermeiras daqui fazem tudo por mim, incluindo colocar e tirar a minha perna nova. A enfermeira Jackie Lindsey me dá banho toda manhã e me veste de maneira a não sentir vergonha de mim quando eu estiver sentado lá no salão.

Imagine que você é um homem que não pode tomar banho sozinho. A pessoa que o faz quer que você esteja limpo.

Uma vez eu disse a ela:

– Isso não tem graça.

E a resposta dela foi:

– Alguém tem de fazê-lo.

Eu fazia um monte de perguntas a Jackie. Perguntei se ela se apegava aos pacientes.

– Eu me apego a alguns, sim – respondeu –, em especial àqueles que me fazem de confidente e me contam coisas que não contariam a mais ninguém. Descobri que é mais difícil para a família do paciente aceitar o que está acontecendo. Na maioria dos casos, não em todos, quem está morrendo já aceitou o seu destino.

Eu lhe perguntei como agüentava fazer esse trabalho havia tanto tempo.

– Ao longo de 37 anos, já cuidei de 3 mil pessoas, umas durante vários dias,

outras durante semanas e outras, como no seu caso, durante meses. Considero que morrer é uma parte muito importante da vida. Eu me sinto bem, pois sei que essas pessoas sentem dor, que a maioria não tem muito tempo de vida, e que eu posso lhes tornar a jornada menos penosa.

- Quando você cuida de gente que está morrendo, acreditar em Deus ajuda?

- Ajuda! - respondeu Jackie. - Eu acredito que Deus está presente e que quer que eu ajude as pessoas.

Jackie é a mãe que eu nunca tive. A minha própria mãe, Helen, foi tirada de mim logo depois que eu nasci. Passou o restante da vida num hospital para doentes mentais e morreu em 1958, aos 65 anos. Assim, eu nunca a co-

Perguntei à enfermeira: quando você cuida de gente que está morrendo, acreditar em Deus ajuda? “Ajuda!”, ela disse.

nheci, nem quando estava crescendo em lares adotivos, nem como adulto. No fim da vida, tive muito medo de visitá-la. Achei que ela não iria me reconhecer.

Morreu enquanto eu estava na Europa.

E quanto ao meu pai, Joseph, tive um relacionamento estranho com ele. Era um pai de domingo. Como minhas irmãs e eu vivíamos em lares adotivos, ele só nos visitava aos domingos. Morreu em 1972, aos 79 anos. Hoje, no abrigo, a enfermeira Jackie me dá esperança, amor e ânimo. Ela ouve todas as minhas histórias e eu ouço as dela. É reconfortante.

As enfermeiras do abrigo disseram à minha família que minha morte estava próxima. (Obviamente não fizeram isso enquanto eu estava por perto.) À medida que o tempo foi passando, eu me tornei a estrela do lugar, porque não segui aqueles planos. Contra todas as probabilidades, meus rins voltaram a funcionar e eu pude viver sem ter de fazer hemodiálise. Para os médicos que me assistiam, aquilo foi um mistério; para os meus amigos, foi um milagre.

Os funcionários do abrigo me exibiam para possíveis pacientes e suas famílias. Eu me transformei no garoto-propaganda da instituição; considerando como sou exibido, adorei aquilo tudo.

Sonhos (da minha vida após a morte)

Abrigos para doentes terminais nunca receberam muita atenção porque as pessoas os associam à morte – e elas têm medo do mistério da morte. De início, parentes e amigos receiam fazer visitas. É um jogo completamente diferente. O Dr. Matthew Kestenbaum, diretor-médico, me contou: “As pessoas não compreendem o papel do médico num abrigo como este. Não estamos aqui para desligar os aparelhos. Deixamos a natureza seguir o seu curso. Proporcionamos aos pacientes o que for necessário para o seu maior conforto.”

É claro que as pessoas querem falar sobre a morte se você lhes der uma brecha. Eu descobri que ficam contentes em poder partilhar medos e perguntas sobre esse mistério. Para citar Hamlet, “Ser ou não ser”. Boa pergunta.

Quando as pessoas levantavam a questão se há vida após a morte, eu respondia: “Se eu soubesse, lhes diria.” Um amigo meu, Larry Gelbart, disse achar que o fim virá quando todas as empresas de telefonia se unirem e só sobrar uma.

Um dia, meu amigo Morgan me perguntou:

– Quando você chegar ao céu pobre, acha que vai poder trabalhar e construir riquezas?

– Vou, sim – respondi. – Isso é conhecido como Sonho Celestial.

– E quanto aos impostos? – questionou Morgan.

– Que eu saiba, não há impostos no céu. É por isso que chamam de paraíso.

– Quer dizer que ninguém paga imposto por lá?

– Não. Não existe nem Receita Federal.

– Essa é a melhor coisa que já ouvi sobre o céu até hoje.

– É mesmo. Pagar impostos é um inferno – concordei.

O mais importante sobre um abrigo é que, se você conseguir ficar tempo suficiente, pode se despedir com dignidade. Eu já tive notícias de todo mundo que fez parte da minha vida – dos tempos de escola pública, da Universidade do Sul da Califórnia, dos Fuzileiros Navais, dos meus amigos de Paris e de todo mundo que diz me conhecer dos tempos de Washington. Recebi cerca de 3 mil cartas.

A gente também pode planejar o próprio funeral. O meu plano era, na verdade, bastante simples. A Casa Funerária Joseph Gawler's Sons ficava na mesma rua do abrigo, então eu não teria de ir muito longe. Escolhi a cremação, porque ficaria mais fácil me transportar até o meu lote no cemitério

Martha's Vineyard, onde está sepultada a minha mulher, Ann, que morreu em 1994. Vou passar uma única noite na Gawler's.

Então Joel, meu filho, vai ficar com as minhas cinzas na casa dele em Washington até elas poderem ser transportadas para o Martha's Vineyard. Vão viajar de avião ou de carro, o que for mais barato.

Enquanto planejo o meu funeral, não paro de acrescentar detalhes. Certifico-me de que o obituário vá aparecer no *New York Times*. Ninguém sabe se você está vivo ou morto a não ser que tenha lido no *Times*. Certifico-me também de que nenhum chefe de Estado ou vencedor do Nobel vá morrer no mesmo dia. Não quero ninguém usando o espaço destinado a mim. E insisto que meu obituário não diga: "Morreu depois de lutar contra uma grave doença." Em vez disso, quero que diga: "Morreu em sua quadra de tênis particular depois de arrasar Andre Agassi."

Abrigos para doentes terminais nunca recebem atenção porque as pessoas os associam à morte – e elas têm medo da morte

Meu funeral será uma cerimônia particular no Martha's Vineyard. Os Blue Angels da Marinha sobrevoarão o local, os associados do Vineyard Haven Yacht Club arriarão as velas e os golfistas observarão um minuto de silêncio. Amigos da ilha se juntarão na minha lápide para cantar "Danny Boy" – minha canção favorita, embora eu seja judeu. Após a cerimônia, os convidados irão tomar coquetéis.

Mas esperem, ainda tem mais! Ainda não falei da cerimônia a ser celebrada em Nova York uma semana depois do funeral. Será no Carnegie Hall. Durante essa celebração, minhas cinzas deverão ser espalhadas por cima de cada prédio de propriedade do Trump em Nova York. E todos deverão deixar os relógios na porta para não ficarem olhando a hora durante a cerimônia. Caixas de lenços de papel serão distribuídas.

Na cerimônia, o rabino dirá algumas palavras para animar a multidão. Eu não o conheço, então tudo o que ele disser terá pouco peso. O cardeal Egan também discursará e lerá uma carta do Papa. Billy Graham lerá uma do Presidente. Imagino que, com os três, estarei cobrindo todas as possibilidades. Um deles deverá saber para onde estou indo.

É claro que não me pareço com alguém que está de partida. Nem um pouco, aliás. Na verdade, a primeira coisa que todo mundo me diz quando entro na sala de estar é: “Nossa! Você nunca esteve tão bem!”

Quando nos encontrarmos no céu

As pessoas dizem que ainda podemos rir juntos. É possível rir de muitas coisas no abrigo. Quando meu advogado, Bob Barnett, veio me visitar, eu disse a ele: “Se você conseguir 7 milhões de dólares pelo meu livro, como consegui para a Hillary Clinton, eu começo a hemodiálise.”

Muitas pessoas maravilhosas vieram me visitar. Como eu só tenho uma perna, posso paquerar as meninas sem que elas tenham medo de corresponder à paquera. É um jogo maravilhoso.

O astronauta John Glenn veio me ver. O jornalista Tom Brokaw, também, várias vezes. Russell Baker já me visitou, e Walter Cronkite esteve aqui, o que é magnífico porque ele é o homem mais confiável dos Estados Unidos. Eunice Shriver apareceu também, além da filha, Maria. E, já que estou mencionando gente importante, a rainha da Suazilândia também me visitou com um séquito de dez mulheres lindíssimas.

Para certas pessoas que vieram me visitar, eu não estou nem aí. Outras entraram de penetra. Trouxeram presentes: brinquedos, sopinha e bolo.

Não dava para mandá-las embora.

Uma senhora imprimiu do computador cada item que aparece sobre mim numa busca do Google. Meu médico me deu um iguana de pelúcia. Meu neto de 3 anos me trouxe um peixe de pelúcia bem colorido. Outros me deram quadros e esculturas. Fiquei tentado a abrir uma conta no eBay. Fotografias também eram um artigo bastante popular, em especial fotos do meu passado. Colei várias nas paredes do meu quarto. Muitas eram de amigas. Cada uma achava que a sua devia ter o lugar de maior destaque.

As pessoas não conseguiam acreditar que eu estava me divertindo tanto. Começaram a espalhar que, se alguém quisesse um pouco de divertimento, era só aparecer no abrigo Washington Hospice.

Lá, costumamos nos entreter com um jogo relacionado a um dos meus livros favoritos, *As cinco pessoas que você encontra no céu*, de Mitch Albom. Faz a gente pensar nessas cinco pessoas. E eu penso muito.

Até aqui, as da minha lista são: Ava Gardner, Grace Kelly, Marilyn Monroe, Rita Hayworth e Judas. Não é grande a reação com relação às mulheres, mas

há sempre uma certa perplexidade quando ouvem o nome de Judas.

“Por que Judas?”, perguntam. “O que você diria a ele?”

Eu lhe perguntaria sobre o seu relacionamento pessoal com Jesus. Eles realmente eram bons amigos, como está escrito no Evangelho de Judas? Ou ele era um vira-casaca?

As evidências de que Judas era um sujeito legal são bastante escassas. A única coisa que temos é o manuscrito de Judas e *A última ceia*, de Leonardo da Vinci. Durante séculos, ao estudarem o quadro, as pessoas vêm notando que Judas não parece estar gostando do vinho que se encontra à sua frente. Leonardo pintou 12 discípulos durante a Páscoa judaica, mas ao olhar para eles é difícil saber qual traiu Jesus.

**As pessoas me davam presentes, brinquedos...
Outras traziam quadros, esculturas.
Pensei em abrir uma conta no eBay.**

Na verdade, o manuscrito de Judas é muito interessante. Revela que Jesus pediu-lhe que o traísse. Dessa maneira, Jesus poderia cumprir a profecia, ir para o céu outra vez. Há 2 mil anos que acusam Judas de ser anti-semita. Quando eu chegar ao céu, espero mudar tudo isso. Pensando bem, vou poder convencer Leonardo a pintar um quadro novo. Ele poderá chamá-lo de *O código Da Vinci*.

Cada jogador parece ter uma lista diferente de pessoas que gostaria de encontrar no céu. Algumas das escolhas mais populares são: Abraham Lincoln, Cary Grant, Napoleão e Madame Curie.

Um amigo meu, Albert, me perguntou por que não podíamos listar as pessoas que não gostaríamos de encontrar no céu. Salientou que seria um jogo que as pessoas adorariam jogar, e, é claro, a lista seria muito mais longa.

Bem, comece a escrever os nomes das pessoas que você não quer encontrar no céu. Já pode ir eliminando as que não vão entrar lá, para início de conversa: Adolf Hitler, Joseph Stalin, Jack, o estripador, e Al Capone. É bem mais divertido escolher gente que fez parte da sua vida. Eu ainda estou elaborando a minha lista. Tem a mocinha da faculdade que me largou pelo superatleta; a mulher que roubou a minha vaga no estacionamento do

shopping e riu quando saiu do carro; o sujeito do seguro que não quis pagar pelos danos ocorridos na minha casa; e o soldado japonês cuja vida eu poupei no Pacífico, na 2ª Guerra, e que mais tarde me vendeu um Honda.

Surpresa! Surpresa!

Depois de quase cinco meses no abrigo, descobro que não vou para o céu de imediato. Por motivos que nem mesmo os meus médicos sabem explicar, o que começou como uma vigília de três semanas acabou se transformando em cinco meses – vivendo, comendo e rindo com os amigos. Graças a toda a publicidade que eu atraía, a Fundação Nacional de Abrigos para Terminais me elegeu o seu homem do ano.

A verdade é que me diverti tanto no abrigo que vou sentir saudades.

Nunca imaginei que morrer pudesse ser tão divertido. Liguei para as emissoras de TV e para os jornais e perguntei se gostariam de fazer uma correção e uma retratação de sua história original. Disseram que jamais corrigem histórias sobre gente que afirma estar morrendo mas não morre. Então é neste ponto que eu me encontro agora.

– Não sei quanto tempo vou passar aqui, mas pelo menos sei que fiz um monte de gente feliz. Assim, espero que você não se sinta enganado. A moral da história é a seguinte: *Nunca confie nos seus rins.*

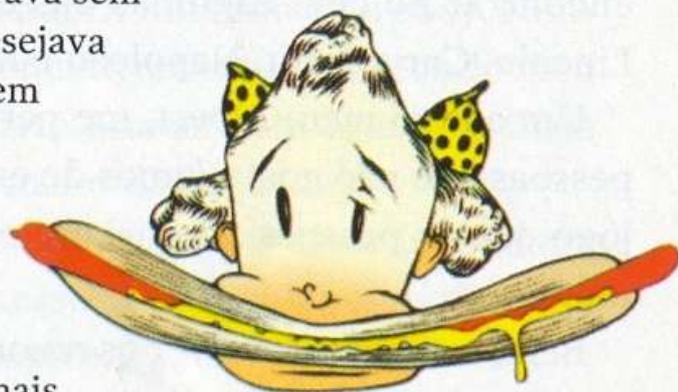
ESTÁ MAIS FELIZ AGORA?

Eu estava almoçando em uma lanchonete de *fast-food*.

Na mesa ao lado, um menino chorava sem parar porque o brinquedo que ele desejava era diferente do que veio de brinde em seu pedido. Uma outra criança derrubou seu refrigerante em cima do hambúrguer da irmã, quando tentava pegar, despercebida, algumas batatas fritas. Pouco tempo depois, o irmãozinho mais novo escorregou e caiu.

Nitidamente à beira de um ataque de nervos, a mãe levantou o menininho do chão e o recolocou na cadeira, dizendo:

– Todos vocês, parem de chorar agora! Não se esqueçam de que estão comendo um Mc Lanche Feliz!



Jennifer Smith, EUA